



Revista Linguasagem - 15ª Edição / www.lettras.ufscar.br/linguasagem

170 ANOS DE CARICATURA NO BRASIL: PERSONAGENS, TEMAS E FATOS

Alex Caldas Simões¹

Considerações Iniciais

Hoje é inegável a disseminação dos gêneros discursivos multimodais² cartum, caricatura, charge, tirinha e quadrinho em nossa sociedade. Eles estão nos jornais, nos livros didáticos e nos concursos públicos. Para muitos estudiosos eles são um registro histórico e cultural singular que articula elementos lingüísticos verbais e não-verbais no retrato de personalidades, cenas e fatos de nosso cotidiano. De acordo Paulo Ramos (2009) ainda faltam hoje estudos, em especial os lingüísticos, que analisem esses gêneros a fundo. Acreditamos ainda que tais estudos se fazem insipientes, pois carece-se ainda hoje da composição de um *cânone* – similar ao literário – que permita ao pesquisador observar todo e qualquer gênero discursivo multimodal como um elemento singular na formação de fontes de pesquisa para o entendimento da história da cultura e da linguagem de um povo. Muitas áreas científicas têm margeado tais objetos, como a Arte, o Design, a Lingüísticas, a Literatura e a História, entre outros. Entretanto nenhuma delas ainda foi capaz de construir um cânone sobre o assunto que possibilite aos pesquisadores iniciantes, ou aos curiosos, compreenderem autores, estilos, cenas e fatos de maneira cronológica e didática. A partir dessa instigante observação, pretendemos apresentar aqui, apoiados nos registros da Associação Brasileira de Imprensa (ABI – 2007), uma linha do tempo canônica-histórica sobre a caricatura no Brasil, de modo a salientar suas principais personalidades, temas e fatos. Discutiremos então nessa ordem: i) sobre os gêneros discursivos multimodais caricatura, cartum, charge, tirinha e quadrinho; e ii) sobre seus principais autores: a) *os desbravadores*³, Araújo Porto-Alegre (1806-1879), Ângelo Agostini (1843-1910) e Nair de Teffé ou Rian (1886-1981); b) *os ícones*, J. Carlos (1884-1950), K. Lixto (1877-1959), Raul Pederneiras (1874-1953), Belmonte (1896-1947) e

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) – Bolsista CAPES/REUNI. Email: axbr1@yahoo.com.br

² Podemos entender “gêneros discursivos multimodais” como textos que conjugam simultaneamente múltiplos modos de significação, como imagens, textos, sons, entre outros.

³ Classificação nossa.

Mendez (1907-1997); c) os *resistentes*, Péricles (1924-1962), Millôr (1924-atual), Jaguar (1932-atual), Ziraldo (1932-atual) e Henfil (1944-1988); d) *a nova geração*, Nani (1951-atual), Angeli (1956-atual), Glauco (1957-2010), Laerte (1951-atual), Adão Iturrusgarai (1965-atual), Paulo Caruso (1949-atual) e Chico Caruso (1949-atual); e e) *a novíssima geração*, Allan Sieber (1972-atual), Arnaldo Branco (1972-atual), Chiquinha (1984-atual) e André Dahmer (1974-atual).

Os Gêneros Discursivos: cartum, charge, caricatura, tirinha e quadrinho

Gêneros discursivos podem ser entendidos a partir de Bakhtin (2000) como tipos de enunciados relativamente estáveis que advêm de uma esfera específica de comunicação estruturada por um conteúdo (temático), por um estilo verbal (léxico, frase, gramática) e por uma construção composicional que lhe são próprias. O autor, ao postular suas considerações sobre os gêneros, deixa claro que tais recursos lingüísticos, classificados segundo ele (2000) em gêneros primários ou secundários, são construídos sócio-historicamente. Isso nos indica que analisar os gêneros discursivos é perceber que a sociedade reflete e constrói seus mecanismos de comunicação, e, sendo assim, estudar tais textos é vislumbrar também, em parte, a construção sócio-histórica-ideológica da sociedade, uma vez que os gêneros refletem a sociedade e a sociedade é refletida, em parte, em seus gêneros. Muito já se foi estudado em relação à configuração, análise e funcionalidade dos gêneros, principalmente depois das indicações educativas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's - 1998) e dos Conteúdos Básicos Comuns de Minas Gerais (CBC-MG - 2005). Mesmo assim, percebemos na literatura da área certas carências: como é o caso dos estudos lingüísticos sobre os gêneros multimodais caricatura, cartum, charge, tirinha e quadrinhos. Para Ramos (2009) comumente esses gêneros são analisados por meio de três tipos de comportamentos teóricos:

o que vê os quadrinhos como um grande rótulo que abriga diferentes gêneros; o que vincula os gêneros de cunho cômico - charge, caricatura e tiras (em alguns casos, chamados de quadrinhos) - num rótulo maior, denominado *humor gráfico* ou *caricatura* (usada neste segundo momento num sentido mais amplo); o que aproxima parte dos gêneros, em especial as charges e as tiras cômicas, da linguagem jornalística (linha teórica apoiada no fato de serem textos publicados em jornal (RAMOS, 2009, p. 21).

Ainda podemos conceituar tais gêneros, a partir das postulações de Ramos (2009) e Mendonça (2005) como:

Gênero	Postulações
Caricatura	"[...] em geral, a caricatura - deformação das características marcantes da pessoa, animal, coisa, fato - pode ser usada como ilustração de uma matéria (foto), mas quando

	<p>este fato pode ser contado inteiramente numa forma gráfica, é chamado de charge.” (MENDONÇA, 2005, p. 197).</p> <p>Ramos (2009) não define o conceito de caricatura, pois este não se enquadra em sua definição do hiper-gênero quadrinho, uma vez que a caricatura não pretende construir narrativas.</p>
Charge	<p>Ver definição de Mendonça para Caricatura.</p> <p>“A charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual” (RAMOS, 2009, p. 21).</p>
Cartum	<p>O cartum surgiu depois da charge, e é uma forma de expressar idéias e opiniões, seja uma crítica política, esportiva, religiosa, social, através de uma imagem ou uma seqüência de imagens, dentro de um quadrinho ou não; podendo ter balões ou legendas. A charge “envelhece”, como a notícia, enquanto o cartum é mais atemporal” (MENDONÇA, 2005, p. 197).</p> <p>“Não estar vinculado a um fato do noticiário é a principal diferença entre a <i>charge</i> e o <i>cartum</i>. No mais, são muito parecidos” (RAMOS, 2009, p. 23).</p>
Tirinha	<p>“As tiras são um subtipo de HQ; mais curta (até 4 quadrinhos), e, portanto, de caráter sintético, podem ser seqüenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia” (MENDONÇA, 2005, p. 198).</p> <p>“O formato é tão presente na composição da tira que foi incorporada ao nome do gênero. A mais conhecida e publicada é a <i>tira cômica</i>, também chamada por uma série de outros nomes [...]. Por ser a mais difundida, muitas vezes é vista como sinônimo de <i>tira</i> [...]. A tira cômica é a que predomina nos jornais brasileiros – e também nos da maioria dos países” (RAMOS, 2009, p. 23-24).</p>
Quadrinhos	Ver definição de Mendonça para tira, acima.

	<p>“<i>Quadrinhos</i> seriam, então, um grande rótulo, um hiper-gênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades.” (RAMOS, 2009, p. 20).</p>
--	--

(Tabela 1 – Os diferentes conceitos dos gêneros cartum, caricatura, charge, tirinha e quadrinho)

Diante das definições acima, entendemos que os referidos gêneros multimodais cartum, caricatura, charge, tirinha e quadrinho ainda carecem de estudos e pesquisas que venham a caracterizá-los lingüisticamente, tanto do ponto de vista conceitual, quanto do ponto de vista prático. Apesar de convergirem, as definições genéricas de Ramos (2009) e Mendonça (2005) ainda não nos permitem diferenciar com acerto os gêneros em questão.

Essa dificuldade de nomeação, ou definição teórica, pode, em certa medida, ser explicada pelos artistas que os produzem. Um chargista produz charges, uma caricaturista produz caricaturas, um cartunista produz cartuns, e um quadrinista produz quadrinhos e tirinhas. Essa designação, entretanto, nem sempre foi assim. De acordo com Scott McCloud (1995, p. 3) a expressão “histórias em quadrinhos” foi por muito tempo vista como algo negativo, como “material de consumo infantil, com desenhos ruins, barato e descartável.” Com isso muitos de seus artistas tinham vergonha de admitir que produziam histórias em quadrinho, e, por isso, preferiam ser conhecidos como ilustradores e não como cartunistas. Essa designação confusa pode ter colaborado para uma futura dificuldade de teorização dos referidos gêneros, como percebe hoje as áreas da linguagem.

Apesar de toda essa carência em pesquisas, tais gêneros ainda hoje são os preferidos em produções didáticas ou de leitura (Cf. Ramos, 2009). Em março de 2009, por exemplo, conforme indica a reportagem de Rachel Bonino à revista Educação n° 144, o MEC incluiu no acervo de livros didáticos das escolas públicas brasileiras 27 títulos de histórias em quadrinho através do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Isso nos indica, como também argumenta Bonino (2009), que está ocorrendo no Brasil uma formalização dos gêneros caricatura, quadrinho, charge, cartum e tirinha em ambiente escolar, uma vez que tais gêneros já são reconhecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e pelos PCN´s.

Diante destas questões, ainda em debate, apresentaremos na seção seguinte um pequeno panorama de autores dos referidos gêneros que pode colaborar para resolução de algumas questões aqui discutidas.

Por um panorama canônico de autores da ilustração

A partir das pesquisas da ABI (2007), classificaremos didaticamente os artistas brasileiros que realizam os gêneros caricatura, quadrinho, tirinha, cartum e charge em: **a) os desbravadores**, aqueles que introduziram os gêneros no Brasil – aqui discorreremos, apoiados nas indicações da ABI (2007), sobre Araújo Porto-Alegre, Ângelo Agostini e Nair Teffé ou Rian –; **b) os ícones**,

aqueles que popularizaram os gêneros no Brasil – aqui discorreremos, apoiados nas indicações da ABI (2007), sobre J. Carlos, K. Lixto, Raul Pederneiras, Belmonte e Mendez –; **c) os resistentes**, aqueles que produziram os gêneros no Brasil durante o período militar onde ocorreram repressões e censuras – aqui discorreremos, apoiados nas indicações da ABI (2007), sobre Péricles, Millôr, Jaguar, Ziraldo e Henfil –; **d) a nova geração**, aqueles que atualmente dominam as publicações nacionais dos grandes veículos de comunicação do Brasil – aqui discorreremos, apoiados nas indicações da ABI (2007), sobre Nani, Angeli, Glauco, Laerte, Adão e Paulo e Chico Caruso –; **e) e a novíssima geração**, aqueles apontados pela mídia como sendo os mais novos queridinhos dos quadrinhos – aqui discorreremos sobre Allan Siber, Arnaldo Branco, Chiquinha e André Dahmer.

Os desbravadores

Araújo Porto-Alegre (1806-1879)

Segundo a ABI (2007), três meses depois que Diogo Antônio Feijó renunciou ao seu mandato de primeiro Regente Uno do Brasil, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro – já presente no cenário brasileiro a 10 anos – publicava pela primeira vez no Brasil, no editorial de dezembro de 1837, uma arte gráfica ilustrada: era o desenho de Araújo Porto-Alegre que satirizava um destacado político da época, ao colocá-lo recebendo suborno (Figura 1):



(Figura 1 – Charge “A campanha e o Cujo” de Araújo Porto-Alegre presente no *Jornal do Commercio* – ABI, 2007, p. 3)

Nascido em 1806 na cidade de Rio Pardo (RS), Manuel de Araújo Porto-Alegre se tornou conhecido na corte brasileira a partir da década de 1830 ao publicar sua primeira ilustração caricata no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Vale ressaltar, como o faz a ABI (2007), que na época os periódicos não costumavam publicar em suas páginas as caricaturas: dessa forma “[...]”

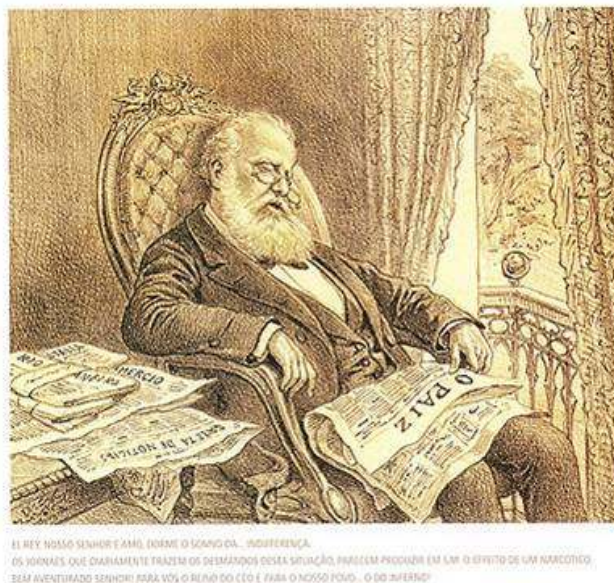
elas eram vendidas de maneira avulsa nas ruas da então capital do império” (ABI, 2007, p. 4). Aluno de Debret e de vários artistas da época, foi Araújo Porto-Alegre que através do periódico *A lanterna Mágica* (1844-1845) introduziu a caricatura nos jornais brasileiros.

Apesar de não ser considerado um exímio caricaturista Araújo, Porto-Alegre se destaca na história do Brasil por inserir pela primeira vez a ilustração caricata nos periódicos brasileiros. O autor faleceu em Lisboa em 29 de dezembro de 1879.

Ângelo Agostini (1843-1910)

Nascido na Itália em 8 de Abril de 1843, Ângelo Agostini mudou-se com sua família para o Brasil em 1859. Já residente no Brasil, tempos depois, Agostini publica o primeiro jornal ilustrado de São Paulo, *O Diabo Coxo* (1864-65) – claramente influenciado pelas publicações européias *Le Charivari* e *Semana Illustrada*, ambas francesas.

Suas caricaturas, segundo a ABI (2007), eram consideradas pela crítica como agressivas e ferinas (Figura 2), o que rendia ao artista muitas retaliações e perseguições: “Nada nem ninguém escapava a visão crítica de Agostini ou de seus colaboradores” (ABI, 2007, p. 5).



(Figura 2 – Legenda: Legenda da ilustração: El Rey, nosso senhor e amo, dorme o sonno da...indiferença. Os jornaes, que diariamente trazem os desmandos desta situação, parecem produzir em S.M. o efeito de um narcotico. Bem aventurado senhor! Para vós o reino do céu e para o nosso povo...o do inferno! – WIKIPÉDIA, 2010).

Com o fim de *O Diabo coxo*, Agostino ilustra o *Cabrião*, revista inaugurada em 30 de Setembro de 1866. Perseguido por opositores e inimigos Agostino se vê obrigado a sair de São

Paulo e voltar ao Rio de Janeiro. Lá, ele, depois de caricaturar em *O Arlequim*, o *Mosquito* e a *Vida Fluminense*, passa a trabalhar na *Revista Illustrada*, que apresentava um panorama sócio-cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1871 o artista enfoca suas críticas em Dom Pedro (ver Figura 2): “[...] as críticas a Dom Pedro deixam de ser exceção e passam a ser regra” (ABI, 2007, p. 6). Ao final do império Ângelo Agostini é exilado na Europa. Com a virada do século, o autor em 1903 retorna ao Brasil e atua na *Gazeta de Notícias* (1903) e no *O Malho* (1905). Agostini faleceu no Brasil em 22 de Janeiro de 1910.

Nair Teffé (ou Rian)

Nair Teffé (ou Rian), mulher do Marechal Hermes da Fonseca, que governou o Brasil entre 1910 e 1914, é considerada a primeira mulher caricaturista brasileira. Ela publicou nos periódicos *Fon-Fon*, *Careta*, *O Malho* e em algumas revistas francesas, onde publicava com o pseudônimo de Rian (Nair ao contrário). A artista não é considerada uma exímia ilustradora, entretanto se destaca por ter sido a primeira mulher a caricaturar em jornais brasileiros.

Segundo a ABI (2007), deprimida com as perseguições políticas ao seu marido – devido ao episódio dos 18 do Forte em 1922 – Nair se retira gradualmente do cenário da ilustração nos periódicos. Ela faleceu em 1981 com 95 anos.

Os Ícones

Raul Pederneiras (1874-1953)

Nascido no Rio de Janeiro em 1874, Raul Paranhos Pederneiras é reconhecido por sua extensa atividade jornalística. Juntamente com J. Carlos e K. Lixto, ele compunha a tríade da charge no começo do século XX no Brasil (Cf. ABI, 2007): “Dizem que não existiu em sua época, alguém mais popular na Capital Federal do que ele” (ABI, 2007, p. 7). Raul Pederneiras passou pelas mais importantes publicações do país, como *O paiz*, *Correio da Manhã*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Revista da Semana*.

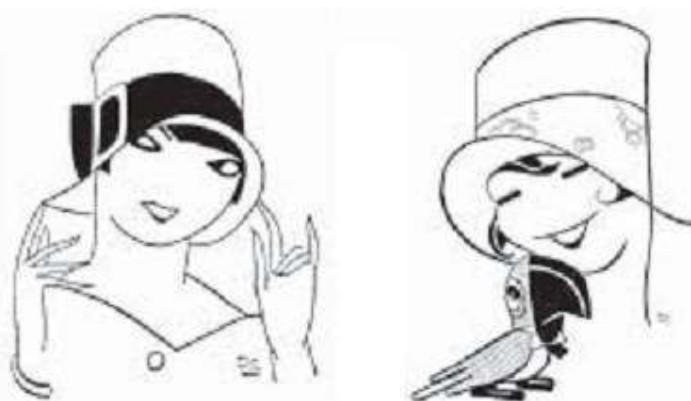
Seu primeiro desenho foi publicado em 1898 em *O Mercúrio*. Totalmente colorida, tal ilustração foi uma revolução para época. Depois de sua estréia o autor atuou em *O Tagerela*, *D. Quixote*, *Fon-Fon* e *O Malho*. De seu trabalho como caricaturista se destaca, com sucesso, segundo a ABI (2007), i) as *Cenas da Vida Carioca*, que eram sátiras aos usos e costumes da classe média carioca; e ii) os Onomatogramas, que eram representações gráficas de nomes.

De forma geral, Raul Pederneiras não cultivou desafetos por causa de suas charges políticas. Pelo contrário, ele era querido por todos, mesmo quando criticava a emancipação feminina, dizendo que a mulher não tinha aptidão para outras atividades que não as domésticas (Cf. ABI, 2007). Raul encerrou sua carreira em 1948 e veio a falecer em 1953 com 78 anos.

J. Carlos (1884-1950)

José Carlos de Britto e Cunha - J. Carlos - nasceu no Rio de Janeiro em 18 de Junho de 1884. Ele foi considerado, juntamente com seus companheiros Raul Pederneiras e K. Lixto, o caricaturista mais importante de seu tempo, superando os artistas da época em técnica e popularidade (Cf. ABI, 2007). Ele participou das publicações mais importantes do período como *O Cruzeiro*, *Fon-Fon*, *Paratodos*, *O Malho* e *Careta*. J. Carlos chegou também a publicar histórias em quadrinho: “em *O Tico-Tico*, criou Lamparina, Jujuba, Carrapicho e Goiabada (assinado como Nicoláo)” (ABI, 2007, p. 8).

Dentre as suas produções se destaca a figura clássica de tipos sociais como a melindrosa (Figura 3) e o almofadinha. Seu estilo era inconfundível e, segundo a ABI (2007), era reconhecido por todos na época - ele retratava principalmente fatos do cotidiano.



(Figura 3 - Melindrosa - ABI, 2007, p. 9)

J. Carlos faleceu de AVC na redação da *Careta* em 30 de setembro de 1950, vésperas da eminente eleição de Getúlio Vargas. Mesmo após a sua morte seus desenhos continuaram a ser publicados de forma inédita até 21 de Outubro do mesmo ano.

K. Lixto (1877-1957)

Juntamente com J. Carlos e Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro - o futuro K. Lixto - nascido no Rio de Janeiro em 1877, foi um dos mais completos e respeitados artistas da época - calcula-se que sua produção vai além de 150 mil desenhos (Cf. ABI, 2007).

Seu primeiro trabalho como caricaturista foi em 1898 na revista *O Mercúrio*, depois passou a ilustrar *O Malho* e *Fon-Fon*. Entretanto, é em 1908 que ele lança a revista *O Degas*, “que apesar de ter durado menos de um ano é considerada uma das graficamente mais belas do gênero, no Brasil” (ABI, 2007, p. 10). Dentre as suas outras atuações na imprensa brasileira se destacam sua participação na fundação das revistas *O avança*, *O Tagarela* e a própria *O Malho*.

Curiosamente, K. Lixto também se destacou em outras áreas criativas além da caricatura, como a publicidade: “[...] ele é o criador dos clássicos anúncios da Bromil, Lugolina e Saúde da

Mulher e dos slogans ‘seu dia chegará’, ‘insista, não desista’ e ‘até que enfim’ da Loteria Federal, onde trabalhou durante vinte anos” (ABI, 2007, p. 10).

Belmonte (1896-1947)

Nascido em 1896, Benedito Bastos Barreto, publicou pela primeira vez seus desenhos na revista *Rio Branco*. Ele se destaca na caricatura brasileira com a criação do personagem mais popular das décadas de 1930 e 1940, publicada pela *Folha da Noite* (Hoje *Folha de S. Paulo*), Juca Pato (Figura 4): mordaz, gentil e defensor dos fracos – “Juca Pato era careca, segundo o seu autor, de ‘tanto levar na cabeça’, e adotava o lema conformista ‘podia ser pior’, que virou bordão na cidade de São Paulo e atravessou fronteiras” (ABI, 2007, p. 10).

Suas charges correram o mundo todo, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. “Diante de um desenho seu, ridicularizando os alemães, Goebbels teria desabafado: ‘Esse artista deve ter sido pago pelos aliados ingleses e norte-americanos’” (ABI, 2007, p. 10).



(Figura 4 – Juca Pato segue Getúlio Vargas depois que o Brasil declara guerra a Alemanha de Hitler – ABI, 2007, p. 10)

Mendez (1907-1997)

Cearence de Baturité, Mário Mendez foi um apreciador dos desenhos de J. Carlos e, devido a isso, já com 17 anos se lançou como ilustrador do jornal *A manhã*. Seguiu-se então seus trabalhos em *A Batalha*, *A Esquerda*, *Vanguarda* e *O Radical*. Anos depois, em 1936, na Revista *O Cruzeiro*, foi convidado por Belmonte para ilustrar a *Folha da Manhã*, em São Paulo. Dois anos depois, o autor volta ao Rio de Janeiro onde atuou no jornal *A noite*.

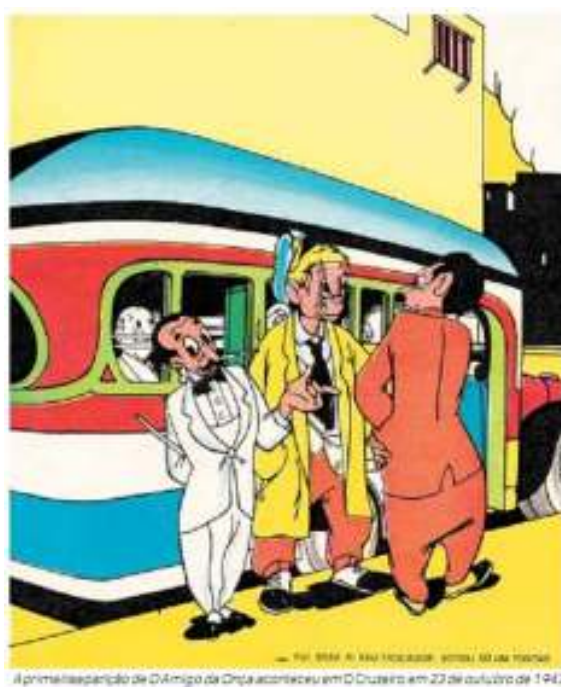
Mendez se destaca no cenário da caricatura brasileira por caricaturar várias personalidades da época. “O traço de Mendez incomoda a quem era retratado: Dalva de Oliveira chorou durante uma semana quando viu a sua caricatura na revista *Carioca*” (ABI, 2007, p. 12).

O artista se aposentou da prancheta aos 60 anos. Ainda hoje ele é lembrado pela crítica como um dos artistas mais instigantes de sua época. Ele faleceu aos 90 anos em dezembro de 1997.

Os resistentes

Péricles (1924-1962)

Estrela da Revista *O Cruzeiro* nas décadas de 40 e 60, o personagem do recifense Péricles Maranhão (1924-1962), *O Amigo da Onça* (Figura 5) – inspirado no personagem argentino *El enemigo del Hombre* – era uma das primeiras seções a ser lida no periódico. “[A] seção mais lida era *O Amigo da Onça*, a ‘imortal criação de Péricles’, que surgiu em 1943, durante uma reforma na revista, e de lá para cá nunca mais saiu” (ABI, 2007, p. 13). Foram ao todo 17 anos publicando o personagem. Entretanto, como indica a ABI (2007), Péricles não gostava de sua criação, pois ele se ressentia pelo fato da criatura ser mais valorizada que o criador. De personalidade instável e atormentado, o autor se suicidou na virada do ano de 1961 para 1962. Desde então, após a sua morte, seu personagem foi desenhado na Revista *O Cruzeiro* por Carlos Estêvan e muitos outros artistas.



(Figura 5 – *O Amigo da Onça*. Legenda: “Foi esse aí seu trocador, botou só um tostão” – ABI, 2007, p. 13)

Millôr (1924-atual)

Carioca, Méier Milton Fernandes - Millôr - nasceu em 1924 e já em 1938, com quatorze anos de idade, já atuava na Revista *O Cruzeiro*, começando em atividades diversas para no final da juventude estar entre um dos jornalistas mais importantes da revista. Na revista *O Cruzeiro*, ele assinava duas colunas que eram uma das mais procuradas pelos leitores: a coluna do Vão Gogo, pseudônimo inventado por ele, era a mais lida, depois do Amigo da Onça, entre os anos de 1948 e 1950; e a coluna Pif-Paf que gerou o embrião da revista de mesmo nome, lançada em 15 de Maio de 1964, que apesar de durar pouco marcou época, pois em somente 8 números de existência reuniu os mais audaciosos caricaturistas do período que no futuro fundariam *O Pasquim*.

Millôr sempre foi genial e reconhecido como muito versátil e altruísta (Figura 8): “Autodidata e genial, o artista que construiu uma das mais belas e respeitadas carreiras na imprensa de humor e idéias do País sempre foi elogiado pelos seus pares pelo desprendimento e a coragem, além da invejável erudição” (ABI, 2007, p. 16).



(Figura 6 - Charge de Millôr - ABI, 2007, p. 16)

O autor durante a década de 1960 participou da fundação do *O Pasquim* e, em 1969 passou a assinar uma página na revista *Veja*, ambas as experiências lhe trouxeram aborrecimentos políticos - Millôr hoje está na revista *Veja* e assina uma página semanal da com textos e imagens. Foram duas experiências marcantes para Millôr que abriram caminho para sua atuação em outros veículos de comunicação como a *IstoÉ*, *O Dia* e o *Jornal do Brasil*.

Ziraldo (1932-atual)

Nascido em 1932 em Minas Gerais, Ziraldo publicou seus primeiros desenhos na década de 1950 no *Jornal Folha de Minas*. Algum tempo depois foi convidado para trabalhar na revista *O Cruzeiro*, no Rio de Janeiro. Muito talentoso Ziraldo em pouco tempo alcançou a editoria da revista:

“Ziraldo teve carreira meteórica em *O Cruzeiro*, onde começou como assistente de arte e em logo, logo se tornava editor de arte. Por possuir também um temperamento envolvente, foi convidado pela direção da revista a assumir o posto de relações-públicas, convite imediatamente aceito pelo mineiro que jamais recusou trabalho” (ABI, 2007, p. 24).

No *Cruzeiro*, Ziraldo pode criar um de seus primeiros personagens o Saci Pererê, no começo apenas um cartum em umas das páginas da revista. Com a boa aceitação do personagem Ziraldo criou outros personagens para compor sua história em quadrinhos: era composta “[...] [a] turma do Pererê, que foi as bancas de revistas, em seu primeiro número, no dia 1º de abril de 1964, no dia e hora em que se instalava a ditadura militar no País, bancada pela própria empresa que editava *O Cruzeiro* e teve vida curta” (ABI, 2007, p. 24).

Com o fim de *O Cruzeiro* e o insucesso de sua revista solo da turma do Pererê, o autor passou a se dedicar às charges diárias no *Jornal do Brasil*. Ao final da década de 1960 Ziraldo passou também a atuar em *O Pasquim*. Durante esse período foram criados personagens emblemáticos do humor brasileiro como Jeremias, O Bom, Mineirinho, o Como Quietos, a Supermãe, entre outros. Seu personagem mais conhecido, entretanto, principalmente pelo público infanto-juvenil, é O Menino Maluquinho, que vendeu mais de 2 milhões de exemplares e foi traduzido para muitas línguas (Cf. ABI, 2007). O autor mais recentemente ainda dirigiu as revistas *Bundas* (1999-2002), *Palavra* (1999-2002) e *O Pasquim 21* (2004-2005).

Henfil (1944-1988)

Henrique de Souza Filho - Henfil - nasceu em Minas Gerais em 1944. Pode ser considerado como um popstar do desenho no país (Cf. ABI, 2007), uma vez que dialogava constantemente com as massas. Além do mais seus personagens foram adotados por muitas torcidas de futebol: “[...] o Urubu (Flamengo), Bacalhau (Vasco), Cri-Cri (Botafogo), Pó-pó (Fluminense) foram adotados pelas torcidas em substituição aos Popeyes e outros símbolos importados que utilizavam” (ABI, 2007, p. 26). Entretanto, seu reconhecimento nacional veio com a sua projeção no *O Pasquim*, onde apresentou uma galeria de personagens agressivos e politizados, como a dupla de Fradins “[...] o Cumprido (baseado em um amigo, jornalista mineiro Humberto Pereira) reprimido e conservador e o Baixinho (um indisfarçável auto-retrato), um sádico libertário. Além desses personagens Henfil também se destacou com os personagens Zeferino - publicado no *Jornal do Brasil* -, Bode Orellana - notadamente intelectual - e a Graúna - personagem feminino da trama que oscilava entre a submissão e o ativismo (Cf. ABI, 2007, p. 27). “Graficamente [a Graúna] talvez fosse sua mais genial e sucinta criação: o corpo da ave era pouco mais que um ponto de exclamação” (ABI, 2007, p. 27).

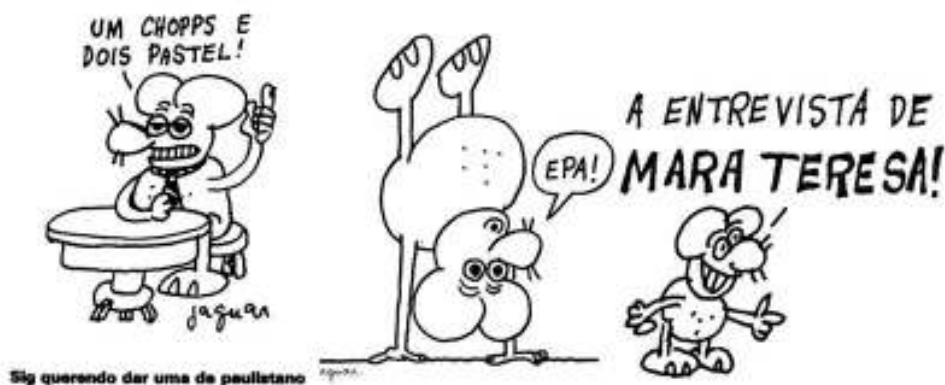
Hemofílico, Henfil morreu de Aids adquirida por transfusão de sangue em 1988.

Jaguar (1932-atual)

Um dos idealizadores do *Pasquim*, Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe – Jaguar – nasceu no Rio de Janeiro em 1932. Conforme indica a enciclopédia de artes visuais (2005), Jaguar iniciou sua carreira de caricaturista na Revista *Manchete*. Dentre outros trabalhos se destaca suas produções no Jornal *Última Hora* de 1960 a 1968.

“Quando começou a desenhar Jaguar tinha influência de um cartunista francês chamado Trez. Depois que conheceu os desenhos de André François, Jaguar teve sua epifania e o seu traço mudou da água para o uísque. Seguiu essa nova linha, mas botou o molho brasileiro, porque ele não é bobo. E o desenho do Jaguar ficou tão nacional, que Millôr escreveu certa vez que vinha pela rua e viu o que a princípio achou ser uma família de miseráveis; mas não, eram os desenhos do Jaguar esperando uma legenda” (ABI, 2007, p. 25).

Em *O Pasquim* ele foi conhecido por dar vida ao mascote da revista, o Sig (Figura 7) – segundo a enciclopédia de artes visuais (2005), uma alegoria a Sigmund Freud que aparecia na capa e no começo das matérias. Outros personagens também se tornaram conhecidos pelos traços de Jaguar, como “Gastão, o vomitador; Boris, o homem tronco e o cartum Chopnics, publicado inicialmente no Jornal do Brasil” (ENCICLOPÉDIA DE ARTES VISUAIS, 2005).



(Figura 7 – Sig – Enciclopédia de Artes Visuais (2005), seção obras)

Jaguar ainda atuou nas Revistas *Bundas*, ao lado de Ziraldo e de outros artistas da época do *Pasquim*.

A nova geração

Nani (1951-atual)

Ernani Diniz Lucas - Nani - atuou com charges e textos de humor em diversos veículos impressos e televisivos. O autor atuou durante mais de dois anos no *Jornal do Brasil*, onde dia sim dia não publicava uma charge (Cf. ABI, 2007). Nani também publicou tiras diárias, como a tira Vereda Tropical, publicada no jornal *O Dia* e outros. Artista versátil e bastante inquieto o autor publicou muitas charges e desenhos de humor. “Ele é muito rápido no gatilho, tanto para pensar como para executar desenhos. Seu estilo permite fazer de tudo com extrema rapidez. Uma semana de tiras, de Veredas Topical ele demorava em média uma hora para fazer” (ABI, 2007, p. 30).

Sua versatilidade chegou aos textos de humor dos programas de Tv, tais como Escolinha do Professor Raimundo, Sai de Baixo, Casseta & Planeta e Zorra Total (Cf. ABI, 2007, p. 30).



(Figura 8 - Charge de Nani - ABI, 2007, p. 30)

Angeli (1956- atual)

Arnaldo Angeli Filho - Angeli - nasceu em São Paulo em 1956. Seus primeiros trabalhos foram editados no gibi universitário da USP Balão. Com algumas participações no *Pasquim*, Angeli passou a atuar na *Folha de S. Paulo*, a partir da década de 80. Dentre as suas criações estão as inúmeras Charges e as tiras: Chiclete com Banana, Rê Bordosa, Bob Cuspe e Wood & Stock (Cf. Enciclopédia de Artes Visuais (2005)). Durante os anos 1980, o autor também edita a revista *Chiclete com Banana*, e ainda cria uma série de outros personagens, como Walter Ego, Os escrotinhos e Los Tres Amigos - editado com Laerte e Glauco e posteriormente com Adão Iturrusgarai. Na década de 1990, Angeli continua a atuar na *Folha de S. Paulo* produzindo charges, políticas ou cotidianas.

Laerte (1951-atual)

Laerte Coutinho começou a sua carreira de ilustrador, assim com Angeli, no gibi universitário Balão, da USP. Atuou em algumas edições do *Pasquim*, mas veio a se consolidar como cartunista somente nos anos 1980 e 1990 na *Folha de S. Paulo*. Antes disso Laerte passou muito tempo

envolvido com folhetins do movimento sindical. Ele fazia vinhetas para a editora Oboré, “[...] que abastecia todos os jornais sindicais do País com ilustrações” (ABI, 2007, p. 31).

Por algum tempo Laerte figurou como um dos chargistas da *Folha de S. Paulo*, mas aos poucos, com a entrada de tirinhas mais adultas no jornal, passou a editar tiras, dentre elas se destacam o Condomínio e sua mais famosa tirinha Piratas do Tiête.

Na década de 1990 produziu junto com seus amigos Glauco e Angeli a tira Los tres amigos, famosa na revista *Chiclete com Banana* e na própria *Folha*.

Glauco (1957-2010)

Glauco Vilas Boas nasceu em Jandaia do Sul, Paraná. Assim como os seus amigos da caricatura, Angeli e Laerte, participou do jornal *Folha de S. Paulo* durante a década de 1980 e 1990, produzindo charges e tirinhas. Dentre as suas produções está a tira Geraldão, Dona Marta, Zé do Apocalipse, entre outros. O autor revezava o espaço das charges com Angeli na *Folha*. Ele é considerado um artista de humor comportamental, que acabou influenciando o humor de muitos artistas de sua época – inclusive foi ele o responsável por influenciar a mudança de humor político para o comportamental de Angeli e Laerte. Em Março de 2010 Glauco morreu em sua casa, supostamente vítima de um assalto.

Adão Iturrusgarai (1965-atual)

Adão Iturrusgarai nasceu em na cidade de Cachoeira do Sul no Rio Grande do Sul em 1965. Recebeu destaque nacional ao participar da tira Los tres amigos, produzida em conjunto com os cartunistas já consagrados Angeli, Laerte e Glauco. Futuramente Adão passou a colaborar de forma fixa na *Folha de S. Paulo*, e mais tarde na revista *Capricho* e na revista *Sex*. Dentre as suas criações estão as tiras Rock & Hudson e Aline, sua mais famosa criação que durante o ano de 2009 foi adaptada para TV em seriação semanal.

Paulo e Chico Caruso (1949-atual)

Gêmeos e Cartunistas, além de músicos e arquitetos, os irmãos Paulo José de Hespanha Caruso – Paulo Caruso – e Francisco Paulo Hespanha Caruso – Chico Caruso – como muitos artistas da nova geração, foram revelados no gibi universitário Balão, da USP. “Desde 1984 Chico é o chargista permanente do Jornal *O Globo*” (ABI, 2007, p. 33). Já seu irmão, Paulo, ocupa espaço correspondente no *Jornal do Brasil*, onde apresenta a sua famosa charge com quadrinhos Avenida Brasil, que por muito tempo foi veiculada na revista *IstoÉ*. Atualmente os irmãos realizam charges animadas em vários programas de TV, além é claro de suas criações no campo da música e no teatro.

A novíssima geração

Allan Sieber (1972-atual)

Considerado ácido e deveras sarcástico, o Gaúcho Allan Sieber (1972-atual) é apontado pela mídia como o mais promissor caricaturista da atualidade. Vencedor do troféu HQ-Mix de revelação no ano de 2004 – o Oscar dos quadrinhos no Brasil –, o autor produz cartuns, tiras e ilustrações para muitas mídias (Cf. site pessoal do Autor). Dentre as suas mais famosas criações está a série de tiras Preto no Branco, Mommys Boys e Vida de estagiário – que recentemente virou um sitcom na Tv Cultura em 8 episódios (Cf. site pessoal do Autor) –, todas publicadas pela *Folha de S. Paulo* desde 2000. Allan ainda publicou no *Estado de São Paulo*; hoje é colaborador fixo da revista *Playboy* e *Folha de S. Paulo*. O autor também se dedica a animação tendo produzido diversos filmetos, como as animações do filme de Jorge Furtado *O homem que copiava* e as aberturas do programa Global Muvuca e da série *A invenção do Brasil*. Allan participou da criação da Revista F. juntamente com Arnaldo Branco, a mais recente tentativa do humor de caricatura no Brasil, publicada pela editora Conrad em 2004.

Chiquinha (1984-atual)

Fabiane Bento nasceu em Porto Alegre em 1984: “Após um árduo período desenhando em flyers e guardanapos em mesas de boteco pela vida, teve seus desenhos publicados nas revistas Mad, F. Humor, Eca Magazine, Caros Amigos, Imprensa,Vip, Gloss, Bravo!, Mundo Estranho, na eslovena Stripburger (onde representou o Brasil em edição comemorativa ao 13th City of Women International Festival of Contemporary Arts) entre outras” (Cf. Site pessoal da Autora). Atualmente é umas das poucas cartunistas mulheres da atualidade. Dentre as suas produções mais relevantes está a tira Elefoa Cor de rosa. Chiquinha publica atualmente na revista *Folha de S. Paulo* e surge como revelação no cenário da caricatura brasileira contemporânea.

André Dahmer (1974-atual)

Destaque da webquadrinhos com os malvados.com, André Dahmer foi o vencedor da categoria web do troféu HQ-Mix – o Oscar dos quadrinhos no Brasil – no ano de 2008. Desde então, o artista vêm se destacando no cenário da web com as tiras Os Malvados, Ulisses, Emir Saad e Sara, a Sofrida. Atualmente o autor distribui e comercializa suas tiras e quadrinhos pela internet e também está no portal Globo de quadrinhos, no G1.

Arnaldo Branco (1972-atual)

Contemporâneo a Allan Sieber e André Dahmer, o carioca Arnaldo Branco por muito tempo ficou afastado das grandes revistas e jornais dos grandes centros. Teve os seus principais personagens Capitão Presença, Joe Pimp e Mundinho animal publicados pela editora Tarja Preta. Com desenhos ácidos e até mesmo considerados infantis (de tão toscos!), o autor se destaca no

cenário da caricatura brasileira como a mais nova revelação. Ele participou da criação da Revista F. (2004) e hoje atua no portal de quadrinhos da Globo, no G1.

A partir deste panorama ilustrativo de artistas da caricatura, seguiremos na seção seguinte para nossas considerações finais sobre o assunto.

Considerações Finais

Realizar uma tarefa como a proposta por nós neste artigo, de traçar um panorama canônico-histórico de autores, cenas e fatos da caricatura no Brasil, é uma tarefa audaciosa. Em nossa exposição, portanto, apoiados nas pesquisas da Associação Brasileira de Imprensa (2007), tentamos realizar tal feito com o intuito de favorecer os pesquisadores iniciantes da caricatura, ou curiosos, da caricatura, cartum, charge, tirinha ou quadrinho a conhecerem melhor o assunto por meio de seus mais populares artistas e realizações críticas ou cômicas. Começamos então a nossa discussão realizando algumas considerações sobre os gêneros discursivos multimodais em foco e posteriormente passamos a postular uma classificação didática dos artistas da caricatura nestes aproximadamente 170 anos de história da arte da ilustração no Brasil, que abarcou **os desbravadores** (Araújo Porto-Alegre, Ângelo Agostino, Nair Teffé), **os ícones** (J. Carlos, K. Lixto, Raul Pederneiras, Belmonte e Mendez), **os resistentes** (Péricles, Millôr, Jaguar, Zivaldo e Henfil), **a nova geração** (Nani, Angeli, Glauco, Laerte, Adão, Paulo e Chico Caruso) e **a novíssima geração** (Allan Sieber, Arnaldo Branco, Chiquinha e André Dahmer).

Diante disso, temos, resumidamente, a construção da seguinte linha do tempo histórica-canônica:

1837 - Araújo Porto-Alegre publica no *Jornal do Commercio* a primeira Caricatura em Jornais Brasileiros.

1844 - Araújo Porto-Alegre publica o primeiro Jornal ilustrado do Brasil, *A lanterna Mágica*.

1864 - Ângelo Agostini publica o primeiro jornal ilustrado de São Paulo, *O Diabo Coxo*.

1886 - Nasce a primeira caricaturista brasileira, Nair Teffé.

1890 - Consolida-se a caricatura no Brasil por meio da tríade J. Carlos, Raul Pederneiras e K. Lixto.

1930-1940 - O personagem Juca Pato de Belmonte se torna nacionalmente conhecido.

1940-1960 - Amigo da Onça de Péricles e a coluna Vão Gogo e Pif-Paf de Millôr são sucesso na Revista *O Cruzeiro*.

1960-1980 - Surge o Pasquim, criação de Zivaldo, Jaguar, Millôr, Henfil, entre outros.

1980 - Surge a revista *Chiclete com Banana*, criada por Angeli e com a participação de Laerte e Glauco.

2004 - Surge a *Revista F.*, criada por Allan Sieber e Arnaldo Branco.

Diante desta resumida linha do tempo ainda podemos apontar como importantes registros histórico-culturais dos costumes do brasileiro em variadas épocas as revistas: *Revista Ilustrada*, *O Malho*, *O Cruzeiro*, *O Paquim*, *Chiclete com Banana*, *Revista F. e Folha de S. Paulo*.

A partir de nossa exposição, entendemos que tais artistas e revistas são hoje marcos editoriais para a história da caricatura no Brasil. Diante desse fato, surge academicamente a necessidade de melhor analisá-los e investigá-los, a fim de se construa no Brasil um retrato cada vez mais fiel do povo e da cultura brasileira.

Referências Bibliográficas

ABI. **170 anos de caricatura no Brasil**. Edição Extra, nº 322, Out. 2007. 36p.

AGOSTINI, ÂNGELO. **El Rey nosso senhor e amo**. Disponível em: commons.wikimedia.org/wiki/Angelo_Agostini . Acesso em: 21 Abri. 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279–326.

BONINO. Rachel. **Onomatopéia, imagem e ação**. In: REVISTA EDUCAÇÃO. Ano 12, nº 144, Ed. Seguimento, Abr. 2009. p. 24–59.

CBC – **Conteúdos Básicos Comuns**. Governo de Minas Gerais. SEE–MG, 2005.

CHIQUINHA. **Blog pessoal**. Disponível em: <http://chigsland.com/bio/> . Acesso em: Abr. 2010.

ENCICLOPÉDIA DE ARTES VISUAIS. **Artistas** (Jaguar). Disponível em: www.itaucultural.org.br . Acesso em: Abr. 2010.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução Hélcio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995. 215p.

MENDONÇA, Márcia de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinho. In: DIONÍZIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 194–207.

PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação – MEC, 1998.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SIEBER, Allan. **Blog pessoal**. Disponível em: <http://talktohimselfshow.zip.net> . Acesso em: Abr. 2010.

Recebido em: 31 de agosto de 2010.

Aceito em: 13 de setembro de 2010.